

Memórias:
sobre a fotografia, diferentes tempos e leituras

Memories:
about photography, different times and readings

Amanda AREIAS *

Resumo: releitura de fotos do arquivo pessoal da autora em diálogo com a análise teórica e reflexiva sobre as particularidades da fotografia como linguagem, documento e insumo para recuperação da memória.

Palavras-chave: acervo pessoal; arte; linguagem; memória; representação.

Abstract: re-reading photos in the author's personal archive, partnered with the theoretical and reflective analysis of photographic particularities, such as language, documentation and constituents to memory retrieval.

Keywords: art; language. memory; personal papers; representation.

As fotos de um arquivo pessoal podem ser reinterpretadas. Neste ensaio reflete-se sobre a configuração da fotografia configurar-se como documento e como representação do real. A fotografia, aqui, não é analisada como percepção ou acesso ao mundo, porém como linguagem; a ser lida e interpretada a partir de uma série complexa de elementos

Historicamente, a fotografia surge fortemente atrelada à idéia de documento ou "foto-documento". Kossoy (2007) usa a expressão "apêndice da história" para ilustrar como a imagem fotográfica é tida como espelho do real e de eventos passados, como prova concreta de que determinado momento, espaço ou pessoa aconteceram ou existiram. A instantaneidade da foto favoreceu a sua consolidação como índice e representação fiel da realidade, e a fotografia passou a ser o grande modelo de objetividade do século XX.

Os caminhos percorridos até aqui, contudo, alteraram de forma significativa a maneira de se entender a imagem fotográfica. Para Rouillé (2009) "a perda da hegemonia da 'fotografia documento' abre caminho para outras práticas, até então marginalizadas ou embrionárias" (p. 19). A fotografia contemporânea é cada vez

* Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, certificada em fotografia pelo Chicago Photography Center, fotógrafa e artista visual. Web page: <http://amandaareias.com/>; currículo: <http://lattes.cnpq.br/1294593401598602>; e-mail: amandaareias@givemeflour.com

mais diversa, as discussões que giram em seu entorno são complexas e muitas vezes sem respostas fechadas. Há um questionamento cada vez maior sobre fotografia como mero referente e um diálogo mais profundo da linguagem fotográfica com o mundo das artes passa a ser mais frequente. Tal relação vem sendo refletida na forma como se tem produzido a fotografia contemporânea, muitas vezes extinguindo a barreira de tais campos.

A fotografia se vê cada vez mais livre para a experimentação e criação de novos significados, que podem, ou não, transcender a barreira dos fatos. E, por ser agora livre, já não carrega o peso de dar conta sozinha de uma mensagem, porém tem permissão para buscar auxílio e dialogar com outros meios, tais como o áudio, a imagem em movimento, as novas tecnologias digitais e de manipulação de imagens.

A prática fotográfica passou, e passa ainda, por grandes mudanças, assim, as exigências e formas de se olhar para uma fotografia não podem permanecer as mesmas. A foto não pode mais ser vista como um acesso ao mundo; já não cabe olhar através da foto como sugere Roland Barthes (1984) em *A Câmara Clara*. Há que se considerar o contexto, as escolhas estéticas do fotógrafo, os processos técnicos e as diferentes temporalidades presentes na foto. Igualmente, não se pode esquecer de entender o quadro conceitual que contribuiu para a formação de determinada imagem (cf. Snyder & Allen, 1975).

A fotografia atual não aponta dedos no sentido de “veja isto”, mas nos chama para um debate e reflexão; traz o espectador para dentro do diálogo e exige dele a expansão de suas habilidades perceptivas, cognitivas e interpretativas.

O ensaio *Memórias* é uma busca por tornar visível essa fluidez da fotografia, algo que pode ser lido de diferentes formas em diferentes tempos, um fato passado reinterpretado a partir do presente ou o que Kossoy (1999) chama de “mundo em si mesmo”. Para esse autor a fotografia como referente é apenas o ponto de partida para tentar se entender um evento passado. Foto é fragmento, deixa de ser verdade e passa a ser “uma das” verdades possíveis. Ela nunca se esgota, mostra um fragmento selecionado da aparência das coisas:

A fotografia tem uma *realidade própria* que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade* construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inerente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado (Kossoy, 1999, p. 22).

Neste ensaio, as fotos de paisagem, revisitadas e re-tratadas, vão em busca de um espaço afetivo suspenso no tempo. Mais do que simples lembrança e registro de um cenário, as imagens passam a ser o retrato de uma memória.

Todas as imagens aqui presentes são resultado de viagens feitas pelos Estados Unidos entre 2008 e 2013. A série homenageia dois artistas estadunidenses: empresta, sutilmente, a paleta de cores de Norman Rockwell e o realismo imaginativo de Edward Hopper, para evocar um cenário atemporal, de sonhos e distante; um desejo romântico pela paisagem. O corte quadrado quebra a dureza, suaviza e equilibra a composição; reforça padrões clássicos de simetria e beleza.

Imagem 1: Abrigo, Montana.

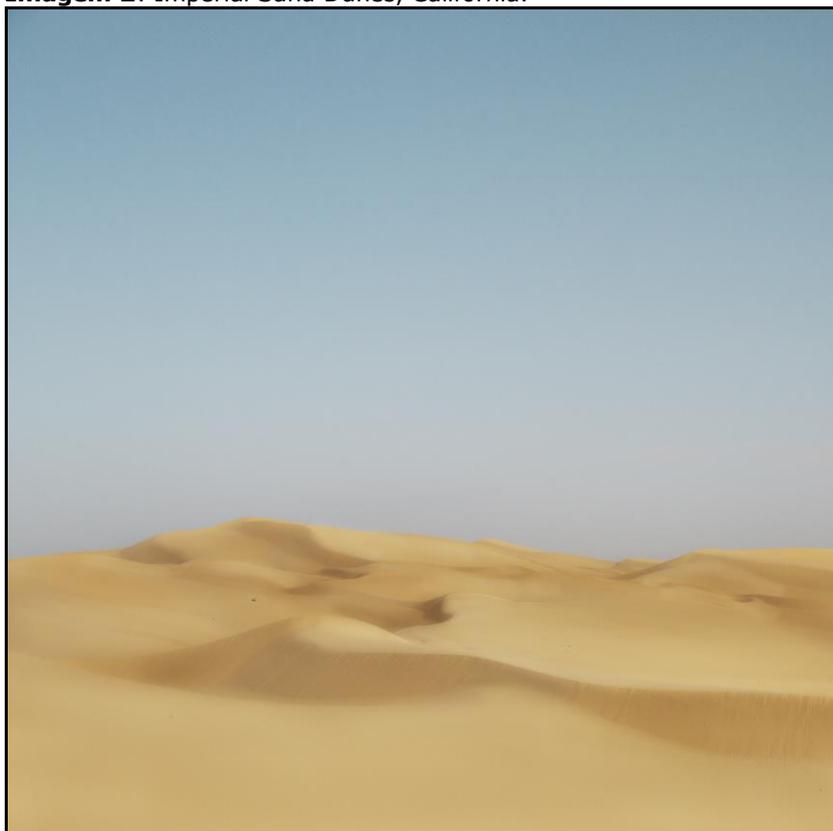


Fonte: A autora, 2013.

A manipulação digital é ferramenta-chave nesse processo de releitura. A alteração de cores e contrastes favorece o afastamento entre fotografia e seu referente e reforça a distância entre realidade e suas representações. Com isso busca-se criar a metáfora de um lugar que a autora acredita existir, não pelo que viu mas pelo que viveu e experimentou: um mundo ideal, fantástico, surreal. Nesse jogo de criação, de trabalhar a ação do tempo e do que restou na memória, novos significados são estabelecidos.

Não se trata de desconsiderar a foto como documento, porém refletir sobre os possíveis e diferentes valores presentes em uma imagem, em distintas épocas. O que se vê agora é uma relação invertida da foto com o tempo: o passado é aquilo que, no presente, aceitamos como registro e narrativa do que foi. Essa nova relação das imagens acentua, ainda mais, o caráter plural e mutante (cf. Machado, 1993) das imagens que, mesmo fixas, se mexem, circulam e se deslocam.

Imagem 2: Imperial Sand Dunes, Califórnia.



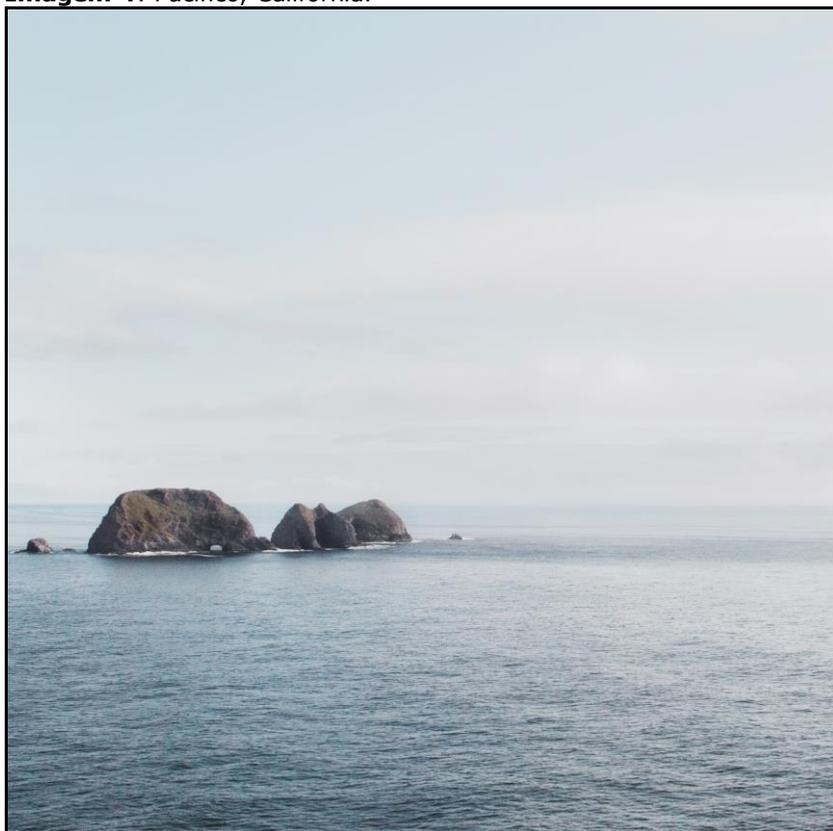
Fonte: A autora, 2013.

Imagem 3: White Sands, New Mexico.



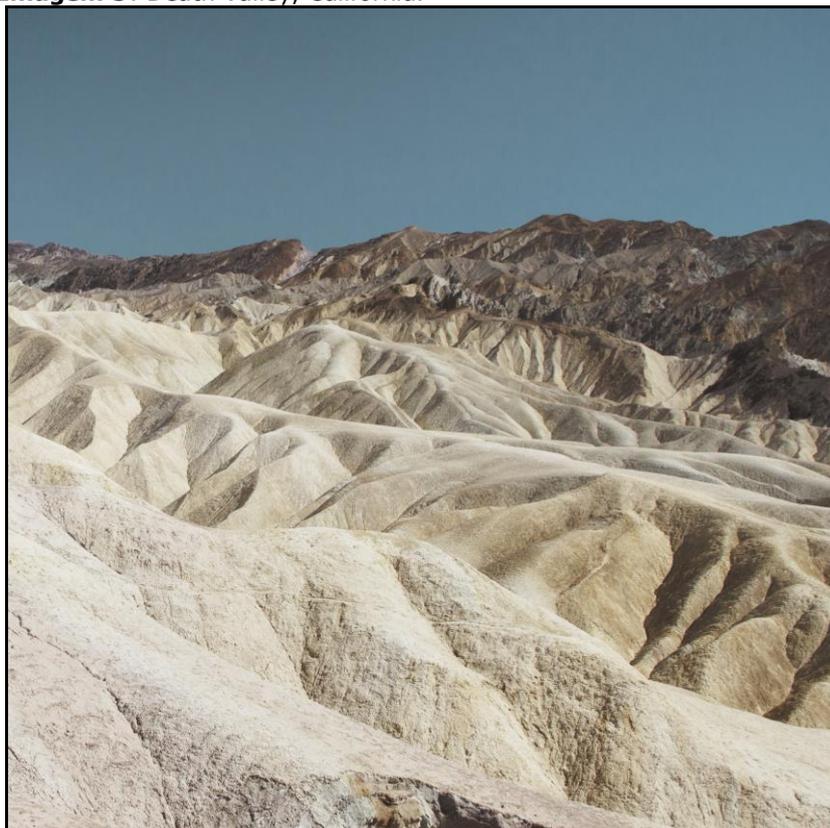
Fonte: A autora, 2012.

Imagem 4: Pacífico, Califórnia.



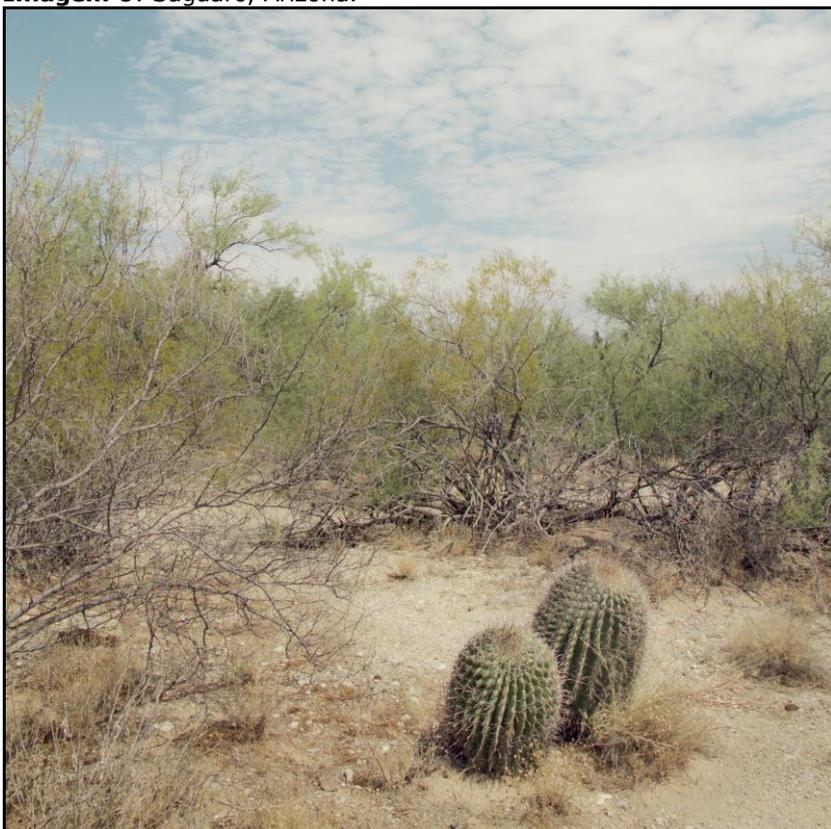
Fonte: A autora, 2011.

Imagem 5: Death Valley, Califórnia.



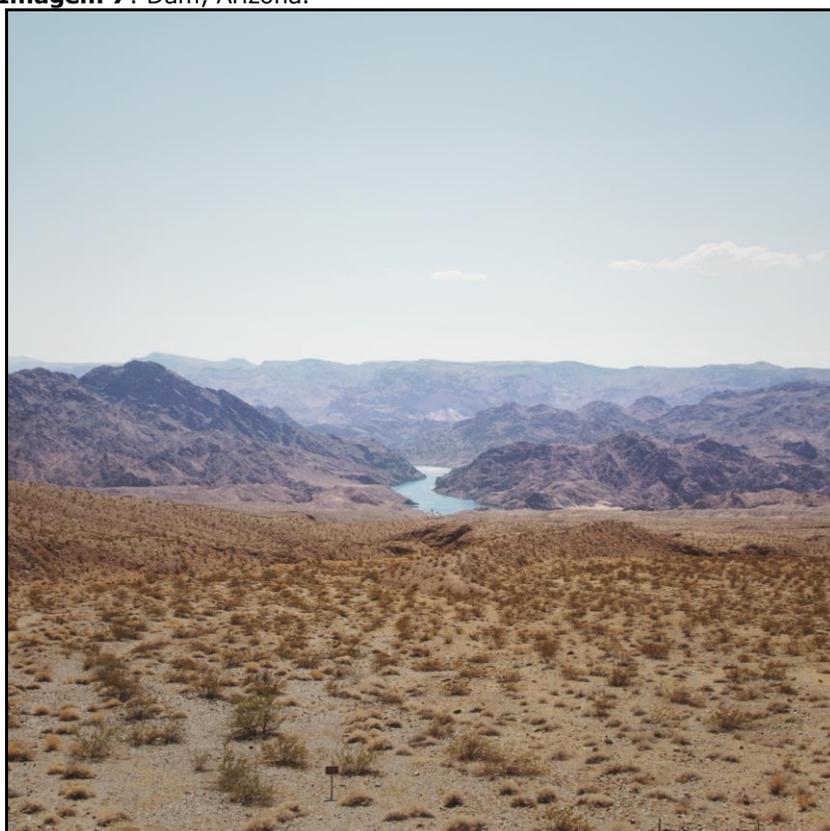
Fonte: A autora, 2011.

Imagem 6: Saguaro, Arizona.



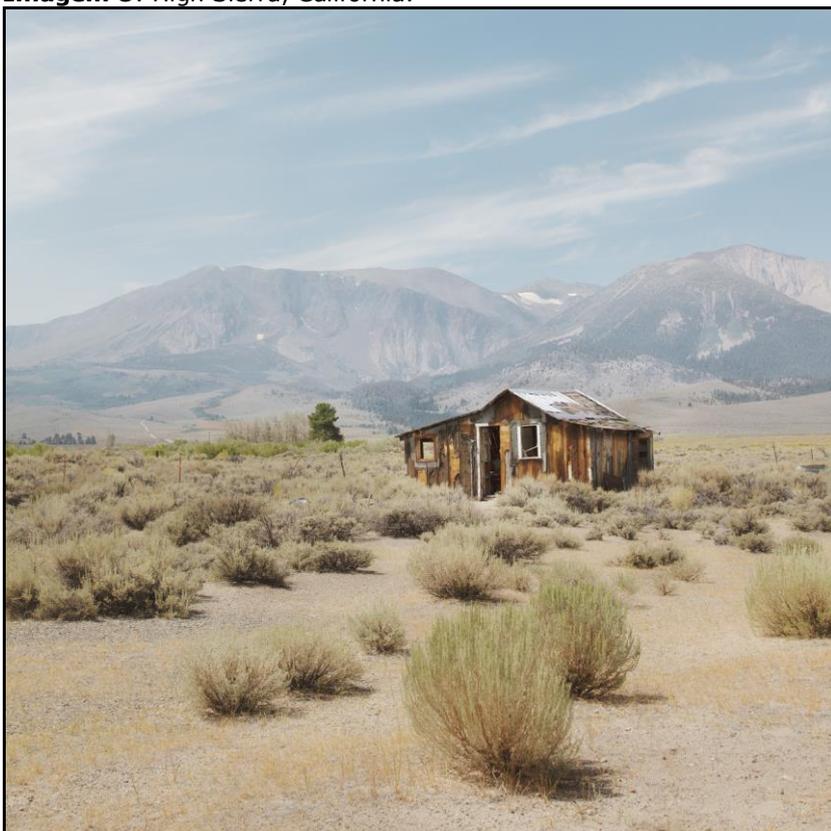
Fonte: A autora, 2012.

Imagem 7: Dam, Arizona.



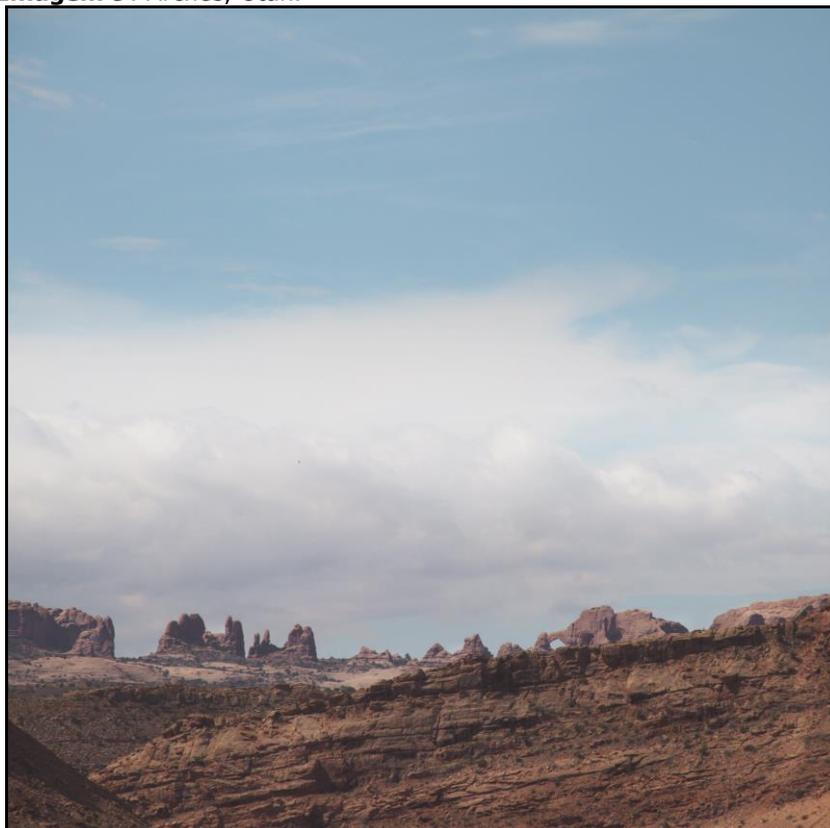
Fonte: A autora, 2013.

Imagem 8: High Sierra, Califórnia.



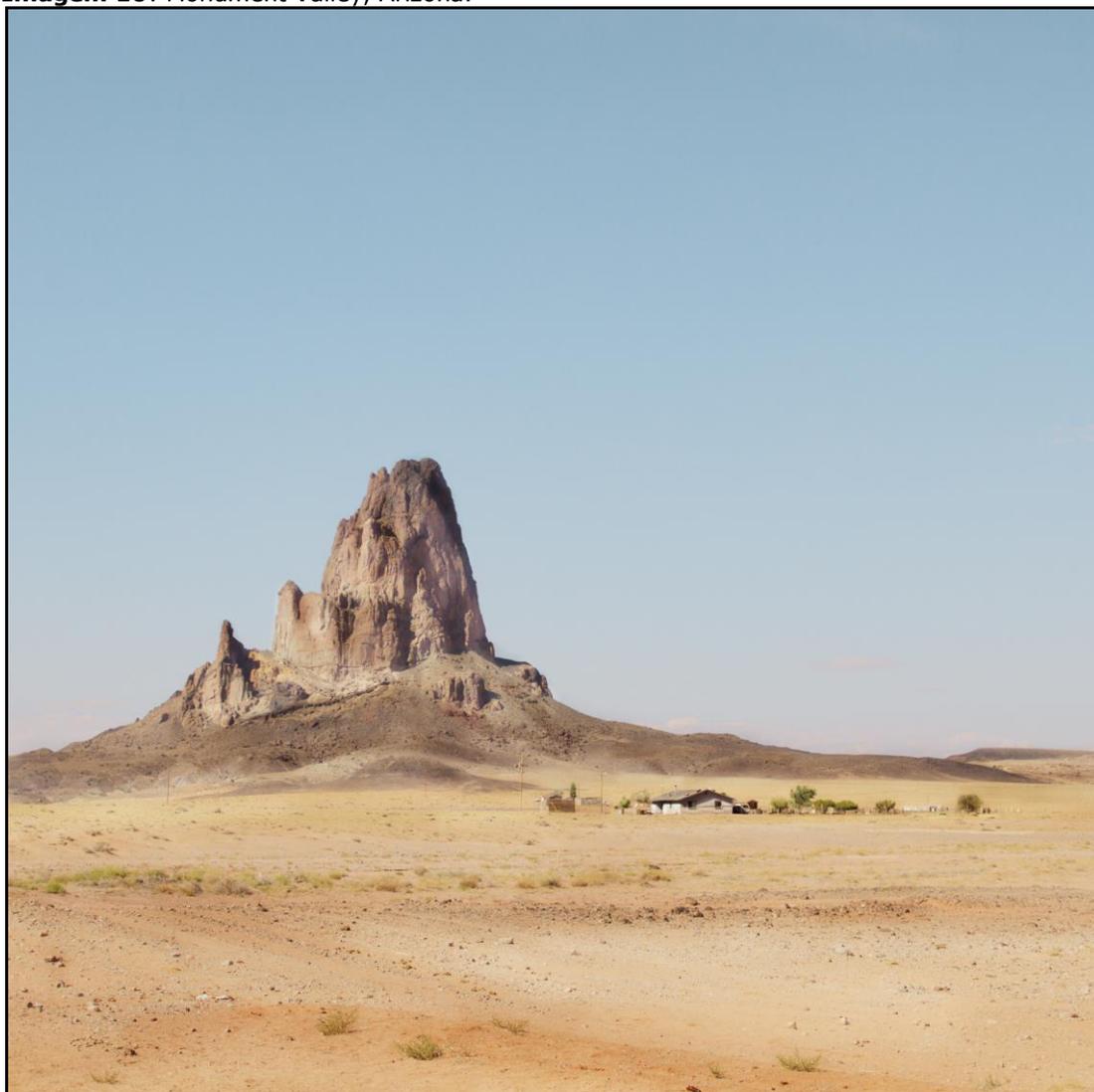
Fonte: A autora, 2013.

Imagem 9: Arches, Utah.



Fonte: A autora, 2012.

Imagem 10: Monument Valley, Arizona.



Fonte: A autora, 2013.

Referências

- Barthes, R. (1984). *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kossoy, B. (1999). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê.
- Kossoy, B. (2007). *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê.
- Machado, A. (1993). Fotografia em mutação. *Nicolau*, 49, 14-15. Recuperado de <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-fotografia-em-mutacao.pdf>
- Rouillé, A. (2009). *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac.
- Snyder, J. & Allen, N. (1975). Photography, vision, and representation. *Critical Inquiry*, 2 (1), 143-169. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/1342806>